

O Livro dos Baltimore

Joël Dicker

O Livro dos Baltimore

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

ALEAGUARA


ALEAGUARA

O LIVRO DOS BALTIMORE
Título original: *Le livre des Baltimore*
© Éditions de Fallois, 2015

© desta edição:
2016, Penguin Random House,
Grupo Editorial Unipessoal, Lda.
Av. Duque de Loulé, 123
Edif. Office 123 — Sala 3.6
1069-152 Lisboa
correio@penguinrandomhouse.com

Tradução: Rita Carvalho e Guerra
Revisão: Catarina Sacramento
Paginação: Segundo Capítulo
Capa: Panóplia*
Imagem da capa: Corbis/VMI
Fotografia do autor © Valery Wallace Studio

1.ª edição: Maio 2016
ISBN: 978-989-665-067-4
Depósito legal: 409215/16

Impressão e Acabamento:
Printer Portuguesa

Distribuição:
VASP
Tel.: 214 337 000
geral@vasp.pt

Alfaguara é uma chancela de:

Penguin
Random House
Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Índice

Prólogo. Domingo, 24 de Outubro de 2004	
<i>Um mês antes do Drama</i>	11
I. O Livro da Juventude Perdida (1989-1997)	15
II. O Livro da Fraternidade Perdida (1998-2001)	291
III. O Livro dos Goldman (1960-1989)	361
IV. O Livro do Drama (2002-2004)	425
V. O Livro da Reparação (2004-2012)	499
Epílogo. Quinta-feira, 22 de Novembro de 2012	
<i>Dia de Acção de Graças</i>	545

À sua memória

Prólogo
Domingo, 24 de Outubro de 2004
Um mês antes do Drama

Amanhã, o meu primo Woody irá para a prisão. É lá que vai passar os próximos cinco anos da sua vida.

Na estrada que me traz do aeroporto de Baltimore para Oak Park, o bairro da sua infância, onde vou ter com ele para o último dia de liberdade, já o imagino apresentando-se perante as grades da imponente penitenciária de Cheshire, no Connecticut.

Passamos o dia com ele, na casa do meu tio Saul, ali, onde tínhamos sido tão felizes. Também lá estão Hillel e Alexandra e, juntos, voltamos a formar, no espaço de algumas horas, o maravilhoso quarteto que tínhamos sido. Nesse preciso momento, não fazia a mínima ideia do impacto que este dia ia ter nas nossas vidas.

Dois dias depois, recebo um telefonema do meu tio Saul.

— Marcus? É o tio Saul.

— Olá, tio Saul. Como está...

Não me deixou falar.

— Marcus, ouve-me bem: preciso que venhas imediatamente a Baltimore. Sem me fazeres qualquer pergunta. Aconteceu uma coisa grave.

Desligou. Pensei, primeiro, que a chamada tivesse caído e voltei a telefonar-lhe imediatamente: não atendeu. Como insisti, acabou por atender e disse-me de uma arrancada: «Vem a Baltimore.»

E tornou a desligar.

Se encontrarem este livro, por favor, leiam-no.
Gostaria que todos conhecessem a história dos
Goldman de Baltimore.

Primeira Parte
O Livro da Juventude Perdida
(1989-1997)

1.

Eu sou escritor.

É assim que toda a gente me trata. Os meus amigos, os meus pais, a minha família e até os que não conheço mas que me reconhecem num local público e me dizem: «Por acaso não é aquele escritor...?» Sou o escritor, é a minha identidade.

As pessoas pensam que, enquanto escritores, a nossa vida é sossegada. Ainda recentemente, um dos meus amigos, queixando-se da duração dos seus trajectos diários entre a casa e o escritório, acabou por me dizer: «No fundo, tu levantas-te de manhã, sentas-te no escritório e escreves. Só isso.» Não respondi, certamente demasiado abatido por me ter apercebido do quanto, na imaginação colectiva, o meu trabalho consistia em nada fazer. As pessoas pensam que não faço nada, porém é exactamente quando não se faz nada que se trabalha com mais afinco.

Escrever um livro é como abrir uma colónia de férias. A sua vida, vulgarmente solitária e tranquila, é, de repente, desconsiderada por uma multiplicidade de personagens que um dia chegaram sem dizer água vai nem água vem e vêm transtornar a sua existência. Chegam numa manhã, num grande autocarro do qual saem ruidosamente, muito entusiasmados por desempenharem o papel que lhes fora atribuído. E têm de se desembrulhar com eles; têm de cuidar deles, de os alimentar, alojá-los. São responsáveis por tudo. Porque vocês são o escritor.

Esta história teve início no mês de Fevereiro de 2012, quando saí de Nova Iorque para escrever um novo

romance na casa que tinha acabado de comprar em Boca Raton, na Florida. Adquirira-a três meses antes, com o dinheiro da cedência de direitos cinematográficos do meu último livro e, excepto algumas idas e vindas para a mobiliar, durante os meses de Dezembro e de Janeiro, era a primeira vez que ia até lá passar algum tempo. Era uma casa espaçosa, com janelas panorâmicas, de frente para um lago muito apreciado pelos passeantes. Está localizada num bairro muito sossegado e verdejante, povoado essencialmente por reformados abastados entre os quais eu destoava. Tinha metade da idade deles, mas, se eu escolhera aquele local, era exactamente devido à sua quietude absoluta. Era o local de que precisava para escrever.

Ao contrário das minhas estadias anteriores que haviam sido muito breves, desta vez tinha muito tempo pela frente e fui para a Florida de carro. Os cerca de mil e novecentos quilómetros de viagem não me assustavam nada: ao longo dos anos anteriores, realizara inúmeras vezes o trajecto desde Nova Iorque para ir visitar o meu tio, Saul Goldman, que se tinha instalado nos arredores de Miami após o Drama que atingira a sua família. Eu conhecia o caminho de cor.

Deixei Nova Iorque debaixo de uma camada fina de neve, o termómetro marcava dez graus negativos, e cheguei a Boca Raton dois dias depois, na doçura do Inverno tropical. Ao encontrar este cenário familiar de sol e palmeiras, não conseguia deixar de pensar no tio Saul. Tinha imensas saudades dele. Tomei a decisão no momento de sair da auto-estrada para chegar a Boca Raton, enquanto o que queria era continuar até Miami para o ver. De tal modo que cheguei a questionar-me se, durante as minhas estadias anteriores aqui, teria vindo para tratar simplesmente dos móveis ou se não seria, no fundo, uma maneira de voltar a ligar-me à Florida. Sem ele, não era a mesma coisa.

O meu vizinho do lado em Boca Raton era um setuagenário simpático, Leonard Horowitz, antiga sumidade do Direito Constitucional em Harvard, que passava os Invernos na Florida e ocupava o seu tempo, desde a morte da mulher, a escrever um livro que não conseguia começar. A primeira vez que o encontrei foi no dia da compra da casa. Ele tinha vindo tocar-me à campainha com uma embalagem de cervejas para me dar as boas-vindas e a nossa empatia foi imediata. Desde então, ganhou o hábito e vinha cumprimentar-me a cada uma das minhas passagens por ali. Travámos amizade rapidamente.

Ele gostava da minha companhia e acho que ficava contente por me ver chegar para ficar algum tempo. Mal lhe expliquei que acabava de escrever o meu próximo romance, falou-me imediatamente do seu. Ele colocava muito sentimento na obra, mas tinha dificuldade em avançar com a história. Levava consigo, para todo o lado, o grande caderno de espiral no qual escrevera com caneta de feltro *Caderno n.º 1*, deixando subentender que haveria outros. Via-o com o nariz sempre mergulhado naquele caderno: desde a manhã, na varanda da sua casa, na mesa da cozinha; tinha-me cruzado com ele várias vezes, numa mesa de um café do centro da cidade, concentrado no seu texto. Ele, por outro lado, via-me passear, nadar no lago, ir à praia, fazer compras a pé. À noite, vinha tocar-me à campainha com cervejas frescas. Bebíamos-las na minha varanda, jogando xadrez e ouvindo música. Atrás de nós, encontrava-se a paisagem sublime do lago e as palmeiras rosadas pelo pôr-do-sol. Entre dois goles, ele perguntava-me sempre, sem deixar de olhar para o tabuleiro:

— Então, Marcus, o seu livro?

— Está a andar, Leo. Está a andar.

Já me encontrava ali há duas semanas quando uma noite, no momento de me comer a torre, ele parou por

completo e disse-me com um tom repentinamente irritado:

— Não veio para aqui escrever o seu novo romance?

— Sim, porquê?

— Porque você não faz nada e isso enerva-me.

— O que é que lhe faz crer que não faço nada?

— Porque o vejo! Está durante todo o dia aluado, a fazer desporto e a observar o rumo das nuvens. Tenho setenta e oito anos, era eu quem deveria estar a vegetar como você, enquanto você, que tem pouco mais de trinta anos, deveria estar a trabalhar sem descanso!

— O que é que o enerva verdadeiramente, Leo? O meu livro ou o seu?

Tinha acertado em cheio. Ele acalmou-se:

— Só queria saber como faz. O meu romance não anda. Estou curioso por saber como trabalha.

— Sento-me nesta varanda e penso. E, acredite em mim, dá muito trabalho. Você, você escreve para ocupar a mente. É diferente.

Ele moveu o cavalo e ameaçou o meu rei.

— Não me poderia dar uma boa ideia de um cenário para um romance?

— É impossível.

— Porquê?

— Tem de vir de si.

— De qualquer modo, evite falar de Boca Raton no seu livro, peço-lhe. Não preciso que todos os seus leitores se venham plantar aqui para verem onde vive.

Eu sorri e acrescentei:

— Não é preciso procurar a ideia, Leo. A ideia surge-lhe. A ideia é um acontecimento que pode aparecer a qualquer momento.

Como poderia eu imaginar que era exactamente o que iria acontecer no momento em que eu proferia estas palavras? Vislumbrei, à beira do lago, a silhueta de um cão que

deambulava. Um corpo musculado embora magro, orelhas pontiagudas e o focinho na erva. Não havia nenhum passeante por perto.

— Acho que aquele cão está sozinho — disse eu.

Horowitz levantou a cabeça e observou o animal vagabundo.

— Não há por aqui cães abandonados — exclamou.

— Eu não disse que era um cão abandonado. Disse que ele estava a passear sozinho.

Adoro cães. Levantei-me da cadeira, coloquei as mãos em forma de megafone e assobiei para o chamar. O cão levantou as orelhas. Assobiei mais uma vez e ele veio na minha direcção.

— Está louco — resmungou Leo. — Quem é que lhe disse que este cão não tem raiva? É a sua vez de jogar.

— Ninguém — respondi avançando a minha torre, distraidamente.

Horowitz comeu-me a rainha para me castigar a insolência.

O cão chegou junto à varanda. Eu acorei-me perto dele. Era um macho bastante grande, de pêlo escuro, com uma mascarilha preta nos olhos e bigodes de foca compridos. Encostou a sua cabeça a mim, eu fiz-lhe festas. Tinha um ar muito meigo. Senti imediatamente que se desenhava um laço entre ele e eu, como um trovão, e quem conhece os cães sabe a que tipo de alegria me refiro. Ele não tinha coleira, nada que o pudesse identificar.

— Já viu este cão? — perguntei a Leo.

— Nunca.

O cão, depois de ter inspeccionado a varanda, voltou a partir sem que eu o pudesse impedir e desapareceu entre palmeiras e arbustos.

— Ele parece saber para onde vai — disse-me Horowitz. — É, seguramente, o cão de um dos vizinhos.

O ar estava muito pesado nessa noite. Quando Leo regressou a casa, adivinhava-se, apesar da escuridão, um céu ameaçador. Uma violenta tempestade não tardaria a abater-se, projectando raios impressionantes atrás do lago, antes de as nuvens se desfazerem e se abaterem numa chuva torrencial. Perto da meia-noite, enquanto eu estava a ler na sala, ouvi ganidos que vinham da varanda. Fui ver o que se passava e, através da porta de vidro, vi o cão, com o pêlo encharcado e um ar miserável. Abri-lhe a porta e ele esgueirou-se imediatamente para o interior da casa. Olhava para mim com um olhar cheio de súplica.

— Está tudo bem, podes ficar — disse-lhe.

Dei-lhe água e comida em duas gamelas que improvisei com caçarolas, sentei-me ao lado dele para o secar com um lençol de banho e contemplámos a chuva que escorria pelos vidros.

Passou a noite em minha casa. Quando acordei, no dia seguinte, encontrei-o a dormir pacificamente sobre o mosaico da cozinha. Fiz-lhe uma trela com astúcia, o que era apenas uma precaução, pois ele seguia-me lindamente, e partimos em busca do seu dono.

Leo tomava o seu café no alpendre de casa, com o seu *Caderno n.º 1* aberto à sua frente, com uma página desesperadamente branca.

— O que está a fazer com esse cão, Marcus? — perguntou-me ele quando me viu a tentar mostrar-lhe o cão no porta-bagagens do meu carro.

— Estava na minha varanda esta noite. Com esta tempestade, deixei-o entrar em minha casa. Acho que está perdido.

— E onde vão?

— Vou colocar um anúncio no supermercado.

— De facto, nunca trabalha.

— Aqui, estou a trabalhar.

— Bem, não se preocupe muito, amigo.

— Prometo.

Depois de ter afixado o meu anúncio nos dois supermercados mais próximos, fui passear um pouco com o cão na rua principal de Boca Raton, na esperança de que alguém o reconhecesse. Em vão. Acabei por ir à esquadra de Polícia onde me dirigiram para um consultório veterinário. Os cães, por vezes, tinham um *chip* de identificação que permitiria encontrar o seu proprietário. Não era o caso deste e o veterinário foi incapaz de me ajudar. Propôs-me enviar o cão para o canil, o que recusei, e regresssei a casa acompanhado pelo meu novo companheiro que estava, devo dizer e apesar do seu tamanho imponente, particularmente calmo e dócil.

Leo esperava o meu regresso a partir da sua casa próxima. Quando me viu chegar, precipitou-se na minha direcção, brandindo as páginas que acabava de imprimir. Tinha descoberto recentemente a magia do motor de busca do Google e escrevia de qualquer maneira questões que não lhe saíam da cabeça. Para um universitário como ele, que passara uma boa parte da sua vida em bibliotecas a procurar referências, a magia dos algoritmos tinha um efeito particular.

— Fiz a minha pequena investigação — disse-me, como se tivesse acabado de resolver o caso Kennedy, entregando-me as dezenas de páginas que fariam com que, em breve, tivesse de o ajudar a mudar o tinteiro da sua impressora.

— E o que é que descobriu, professor Horowitz?

— Os cães encontram sempre a sua casa. Alguns percorrem milhares de quilómetros para regressarem a casa.

— O que é que me está a aconselhar?

Leo ficou com um ar de velho sábio:

— Siga o cão em vez de o obrigar a segui-lo. Ele sabe para onde vai, você não.

O meu vizinho não estava enganado. Eu tinha decidido desprender a trela do cão e deixá-lo deambular. Ele partiu a trote, primeiro perto do lago, depois através de um caminho pedestre. Atravessámos um terreno de golfe e chegámos a outro bairro residencial que eu não conhecia, ladeado por um braço de mar. O cão seguiu a estrada, virou duas vezes à direita e parou, finalmente, diante de um portão atrás do qual vi uma casa magnífica. Ele sentou-se e ganiu. Eu toquei à campainha. Respondeu uma voz de mulher e eu referi que tinha encontrado o seu cão. O portão abriu-se e o cão correu até à casa, visivelmente feliz por estar de regresso ao lar.

Eu segui-o. Uma mulher surgiu no patamar exterior da casa e o cão precipitou-se sobre ela, imediatamente, num impulso de alegria. Ouvi a mulher chamá-lo pelo nome. «*Duke*». Os dois faziam um ao outro todo o tipo de carícias e eu continuava a avançar. Depois, ela levantou a cabeça e eu fiquei estupefacto.

— Alexandra? — acabei por articular.

— Marcus?

Ela estava tão incrédula quanto eu.

Pouco mais de sete anos após o Drama que nos tinha separado, reencontrava-a. Arregalou os olhos e repetiu, exclamando de repente:

— Marcus, és tu?

Permaneci imóvel, atordado.

Ela correu até mim.

— Marcus!

Num impulso de ternura natural, tomou-me o rosto entre as mãos. Como se também ela não acreditasse e se quisesse assegurar de que tudo isto era bem real. Eu não conseguia proferir uma única palavra.

— Marcus — disse ela. — Não posso acreditar que sejas tu.

*

A menos que viva numa gruta, deve ter, obrigatoriamente, ouvido falar em Alexandra Neville, a cantora e compositora que esteve em maior destaque durante estes últimos anos. Ela era o ídolo que a nação esperava desde há muito tempo, aquela que tinha voltado a erguer a indústria do disco. Os seus três álbuns venderam vinte milhões de exemplares; ela encontrava-se, pelo segundo ano consecutivo, entre as personalidades mais influentes escolhidas pela revista *Time* e a sua fortuna pessoal estava avaliada em 150 milhões de dólares. O público adorava-a, era adulada pela crítica. Os mais jovens adoravam-na, os mais velhos adoravam-na. Toda a gente gostava dela a ponto de me parecer que a América não conhecia mais nada senão estas quatro sílabas que ela acentuava com amor e fervor. *A-le-xan-dra*.

Alexandra era a segunda metade do casal composto por ela e pelo jogador de hóquei oriundo do Canadá, Kevin Legendre, o qual surgiu atrás dela.

— Encontraram o *Duke*! Andávamos à procura dele desde ontem! A Alex estava fora de si. Obrigado!

Ele estendeu-me a mão para me cumprimentar. Vi o seu bíceps contrair enquanto me esmagava os dedos. Nunca tinha visto Kevin senão nos tablóides, que não paravam de comentar a sua relação com Alexandra. Ele tinha uma beleza insolente. Ainda mais do que nas fotografias. Desviou o olhar de mim por um instante com um ar curioso e disse-me:

— Conheço-o, certo?

— Chamo-me Marcus. Marcus Goldman.

— O escritor, sim?

— Exacto.

— Li o seu último livro. Foi a Alexandra que me aconselhou a lê-lo, ela gosta muito do que você faz.

Eu não conseguia acreditar nesta situação. Acabava de reencontrar Alexandra, em casa do seu noivo. Kevin, que não compreendia o que se tinha passado, convidou-me para ficar para jantar, o que aceitei imediatamente.

Grelhámos bifes enormes numa churrasqueira gigantesca colocada na varanda. Eu não seguira a carreira de Kevin: pensava que ainda era defesa nos Nashville Predators, mas ele tinha sido contratado pela equipa dos Florida Panthers durante a época de transferências. Esta casa era dele. Vivia agora em Boca Raton e Alexandra tinha aproveitado uma pausa nas gravações do seu próximo disco para o vir visitar.

Não foi senão no final do jantar que Kevin se apercebeu de que Alexandra e eu nos conhecíamos bem.

— És de Nova Iorque? — perguntou-me.

— Sim. Vivo lá.

— O que te traz à Florida?

— Ganhei o hábito de vir até cá há alguns anos. O meu tio vivia em Coconut Grove e eu ia visitá-lo frequentemente. Acabo de comprar uma casa em Boca Raton, não muito longe daqui. Queria um sítio calmo para escrever.

— Como está o teu tio? — perguntou-me Alexandra.
— Não sabia que ele tinha deixado Baltimore.

Fugi à pergunta dela e contentei-me em responder:

— Ele deixou Baltimore depois do Drama.

Kevin apontou para nós com a ponta do garfo sem se aperceber.

— Estou a sonhar ou vocês já se conheciam? — perguntou.

— Vivi alguns anos em Baltimore — explicou Alexandra.

— E uma parte da minha família vivia em Baltimore — prossegui. — Precisamente o meu tio, com a mulher e os meus primos. Moravam no mesmo bairro que a Alexandra e a família dela.

Alexandra achou por bem não revelar mais nenhum pormenor e mudámos de assunto. Depois da refeição, como eu tinha ido a pé, ela propôs levar-me a casa.

Sozinho no carro, com ela, senti bem que havia um incómodo entre nós. Acabei por dizer:

— Que loucura, foi preciso que o teu cão viesse a minha casa...

— Ele foge com muita frequência — respondeu ela. Tive a infeliz ideia de querer brincar com isso.

— Talvez ele não goste do Kevin.

— Não comeces, Marcus.

O seu tom de voz era severo.

— Não sejas assim, Alex...

— Assim como?

— Sabes muito bem o que quero dizer.

Ela parou completamente no meio da estrada e olhou-me fixamente nos olhos.

— Porque me fazes isto, Marcus?

Tive dificuldade em aguentar o seu olhar. Ela exclamou:

— Tu abandonaste-me!

— Lamento imenso. Tive as minhas razões.

— As tuas razões? Não tinhas razão nenhuma para mandar tudo para as urtigas!

— Alexandra, eles... eles estão mortos!

— E então, a culpa é minha?

— Não — respondi. — Lamento. Lamento tudo.

Houve um silêncio pesado. As únicas palavras que eu proferi foram para a levar até minha casa. Uma vez em frente a minha casa, ela disse-me:

— Obrigada pelo *Duke*.

— Gostei de te rever.

— Acho que é melhor ficarmos por aqui. Não voltes, Marcus.

— A casa do Kevin?

— À minha vida. Não volte à minha vida, se fazes favor.

Ela voltou a partir.

Não tinha coragem de entrar em casa. Tinha a chave do carro no bolso e decidi ir dar uma volta. Fui até Miami e, sem pensar, atravessei a cidade até ao tranquilo bairro de Coconut Grove e estacionei diante de casa do meu tio. Estava agradável no exterior e saí do carro. Encostei-me à carroçaria e fiquei durante muito tempo a olhar para a casa. Tinha a impressão de que ele estava em casa, de que conseguia sentir a sua presença. Tinha vontade de ver o meu tio Saul e não havia senão uma maneira de o fazer. Escrever-lhe.

*

Saul Goldman era o irmão do meu pai. Antes do Drama, antes dos acontecimentos que me preparo para contar, ele era, para citar os meus avós, *um homem muito importante*. Advogado, liderava um dos escritórios com maior reputação de Baltimore e a sua experiência levava-o a intervir em casos famosos por todo o estado do Maryland. O caso de Dominic Pernell, tinha sido ele. O caso da cidade de Baltimore contra Morris, tinha sido ele. O caso das vendas ilegais de Sunridge, tinha sido ele. Em Baltimore toda a gente o conhecia. Ele aparecia nos jornais, na televisão e lembro-me o quanto, antigamente, isso me impressionava. Ele casara-se com o amor de adolescência, com aquela que se tornara, para mim, a tia Anita. Ela era, à luz dos meus olhos de criança, a mais bonita das mulheres e a mais doce das mães. Médica, era uma das figuras de topo do serviço de oncologia do Hospital John Hopkins, um dos que tinha melhor reputação do país. Tiveram um filho maravilhoso, Hillel, um rapaz benevolente e dotado de uma inteligência altamente superior, o qual,

com a diferença de alguns meses, tinha exactamente a minha idade e com quem eu mantinha uma ligação de ordem fraterna.

Os melhores momentos da minha juventude foram os que passei com eles e, durante muito tempo, eu ficava louco de orgulho e felicidade com a simples recordação do seu nome. De todas as famílias que conhecera até então, de todas as pessoas com quem me tinha encontrado, eles pareciam-me superiores: mais felizes, mais realizados, mais ambiciosos, mais respeitados. Durante muito tempo, a vida iria dar-me razão. Eles eram seres de outra dimensão. Eu estava fascinado com a facilidade com que atravessavam a vida, ofuscado com o seu esplendor, subjugado pelo seu desafogo. Admirava a sua aparência, os bens, a posição social. A sua casa imensa, os carros de luxo, a residência de Verão nos Hamptons, o apartamento em Miami, as suas tradicionais férias na neve em Março em Whistler, na Columbia Britânica. A simplicidade, a felicidade deles. A simpatia que demonstravam para comigo. A superioridade magnífica que fazia com que fossem naturalmente admirados. Não atraíam a inveja: eram demasiado inigualáveis para que se sentisse inveja deles. Tinham sido abençoados pelos deuses. Há muito tempo, acreditava que nunca lhes aconteceria nada. Há muito tempo, acreditava que eles seriam eternos.